

Eleições na Palestina

Uma década depois os palestinos votaram, e votaram Hamas

Sílvia Lima . IEEI

As eleições históricas que conduziram às urnas, esta quarta-feira, mais de um milhão de palestinos, foram o único escrutínio legislativo num período de dez anos. E as primeiras eleições de sempre em que o Hamas, movimento islâmico de resistência armada, participou. Um sinal de positivo avanço democrático, disseram muitos... antes dos resultados. O Hamas, classificado pela UE e pelos EUA como grupo terrorista, entrou no jogo democrático e ganhou a maioria dos lugares parlamentares.

Há dez anos que os palestinos não votavam para o conselho legislativo, tendo sido governados, *de juri*, desde essa altura, pelo movimento Fatah, cujo líder e fundador foi o desaparecido Yasser Arafat. Esta quarta-feira voltaram às urnas e romperam com o *satus quo*. O movimento Fatah foi ultrapassado pelo movimento islâmico de resistência armada, ou Hamas, re-baptizado para estas eleições como Mudança e Reforma. Um novo nome para o movimento que grande parte da comunidade internacional classifica há muito como grupo terrorista.

Dos 132 assentos parlamentares o [Hamas conquistou 76](#), enquanto o movimento Fatah se ficou pelos 43 lugares. Uma vitória claríssima que durante o dia de ontem, mesmo antes da divulgação oficial dos resultados pela [Comissão Central de Eleições da Palestina](#), foi captada pelas sondagens que as diversas listas foram realizando à boca das urnas. A derrota foi imediatamente assumida pelo Fatah, e o governo, seguindo o Primeiro-ministro Ahmed Qurei, demitiu-se em bloco.

Eleições livres e justas

Os cerca de 860 observadores internacionais presentes nas eleições legislativas - o maior grupo de observadores é proveniente da UE, seguido do grupo norte-americano do The Carter Center/National Democratic Institute - concluíram o mesmo: estas eleições, apesar de todos os constrangimentos, foram globalmente livres e justas. As pequenas escaramuças que se registaram e os obstáculos à mobilidade impostos por Israel, acabaram por não pôr em causa a normalidade democrática em que o escrutínio decorreu. A [delegação de observadores da UE](#) afirmou mesmo que estas eleições foram um sucesso e deveriam constituir um modelo para a região árabe.

Numa [declaração pública](#), o The Carter Center/NDI evidenciou o orgulho e entusiasmo evidentes dos palestinos em relação a estas eleições, que foram reforçados pela performance profissional e imparcial dos funcionários eleitorais. A elevada participação nestas eleições, assim como nas presidenciais de 2005, revela, para aquelas instituições, o envolvimento cada vez maior dos palestinos nas eleições democráticas. Cabe agora aos líderes e representantes eleitos, construir instituições e processos genuinamente

democráticos, que tragam a paz e a prosperidade que o povo palestino merece, no seio de um Estado livre e independente, concluem aqueles observadores.

Há que largar as armas

Quando nas ruas os apoiantes do Hamas já festejavam a vitória, os *media* globais recolhiam [reações](#), mediam as ondas do choque. A participação do movimento islâmico nas eleições tinha deixado apreensivos muitos líderes mundiais, mas a sua vitória estava longe de constituir um cenário verosímil para muitos deles. Décadas de corrupção, desemprego, pobreza e má gestão do conflito israeleo-palestino são agora apontados como as causas da votação esmagadora no Hamas, enquanto se tenta digerir um resultado que poderá baralhar ainda mais o complexo xadrez político no Médio Oriente.

George W. Bush foi dos mais contundentes ao afirmar que os EUA não vão apoiar um partido político que deseja destruir - como afirma na sua carta de princípios - o seu aliado israelita. Apesar de aceitar a escolha dos palestinos, que votaram contra o *status quo*, George W. Bush reforçou a necessidade do Hamas renunciar à violência armada para participar democraticamente na vida política palestina.

No mesmo tom escutaram-se as [declarações de Ehud Ohmert](#), o Primeiro-ministro israelita em exercício, que afirmou a intenção de não negociar com um movimento terrorista. E em todas as chancelarias mundiais combinou-se a apreensão com um mesmo apelo: há que fazer uma escolha entre a luta pelas armas e a luta pela democracia.

A UE, um dos principais doadores da Palestina, afirmou a sua intenção de continuar a apoiar o desenvolvimento económico e a construção de um Estado democrático na Palestina. Mas reiterou, quer através da sua [presidência](#), quer da [comissária para as relações externas](#), Benita Ferrero-Waldner, a imperiosa necessidade de o novo governo se manter fiel aos princípios democráticos pelos quais foi eleito: respeitar o estado de direito, terminar com a violência e negociar, por meios pacíficos, com Israel com vista ao fim do conflito.

Ler mais...

[The Chickens Come Home to Roost](#), George Joffé

[Links úteis](#)